

Redes Sociais Digitais e Subjetividade
Uma Análise Psicossocial da Performance do Eu Online

Eduarda Faria Del Grosso

Luiza Fernandes Resende

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Departamento de Psicologia

Orientador: Prof. Me. Leonel Cardoso dos Santos

Goiânia, 2026.

Redes Sociais Digitais e Subjetividade
Uma Análise Psicossocial da Performance do Eu Online

Eduarda Faria Del Grosso

Luiza Fernandes Resende

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Banca Examinadora:

Leonel Cardoso dos Santos (PUC-GO)

Presidente da Banca: Professor Orientador

Juliana Santos de Souza Hannum (PUC-GO)

Professora Convidada

Gustavo Henrique Mendes Corrêa

Professor Convidado

Data da Avaliação: 12/06/2026

Nota final: _____

Resumo

O presente estudo analisa a relação entre redes sociais digitais e subjetividade, investigando como os ambientes virtuais influenciam os processos de subjetivação e a performance do eu. Fundamentado principalmente nas contribuições de Paula Sibilia, o trabalho discute a valorização da exposição, da visibilidade e da busca por reconhecimento nas redes sociais. Trata-se de uma revisão narrativa qualitativa, realizada a partir de artigos publicados entre 2015 e 2024 nas plataformas SciELO e Google Acadêmico. Os resultados evidenciam que as redes sociais participam ativamente da constituição subjetiva contemporânea, intensificando processos de comparação social, idealização da imagem e dependência de validação externa. Conclui-se que esses ambientes influenciam significativamente os processos de subjetivação, a autoimagem e a produção de sofrimento psíquico na contemporaneidade.

Palavras-chave: redes sociais digitais; subjetividade; performance do eu; processos de subjetivação; comparação social; validação social.

Abstract

This study analyzes the relationship between digital social networks and subjectivity, investigating how virtual environments influence processes of subjectivation and the performance of the self. Grounded primarily in the contributions of Paula Sibilía, the study discusses the growing valorization of exposure, visibility, and the search for recognition on social media. This qualitative narrative literature review was conducted based on articles published between 2015 and 2024 and selected from the SciELO and Google Scholar databases. The findings indicate that social media actively participates in the constitution of contemporary subjectivity by fostering processes of social comparison, self-image idealization, and dependence on external validation. It is concluded that these environments significantly influence processes of subjectivation, self-image, and the production of psychological suffering in contemporary society.

Keywords: digital social networks; subjectivity; performance of the self; processes of subjectivation; social comparison; social validation.

Sumário

1.Introdução.....	1
2. Metodologia.....	5
3. Resultados.....	6
4. Análises.....	11
5. Apontamentos Finais.....	20
6. Referências Bibliográficas.....	22

1. Introdução

Na contemporaneidade, marcada pela expansão das tecnologias digitais, as redes sociais passaram a ocupar lugar central nos modos de relação, comunicação e construção da identidade. Mais do que ferramentas de interação, essas plataformas configuram espaços de visibilidade nos quais os sujeitos produzem imagens de si, buscam reconhecimento, negociam pertencimentos e constroem sentidos sobre quem são diante do olhar do outro. Nesse cenário, a experiência subjetiva torna-se cada vez mais atravessada por dinâmicas de exposição, comparação e validação social (Sibilia, 2008)

Casos recentes evidenciam o lugar crescente que os ambientes digitais passaram a ocupar na vida psíquica contemporânea. Em reportagem publicada por O Globo (2025), foi divulgado o caso de um adolescente em intenso sofrimento emocional que, após desenvolver vínculo progressivo com um personagem virtual mediado por inteligência artificial, tirou a própria vida. O episódio levantou debates públicos sobre os limites éticos dessas tecnologias e seus efeitos sobre sujeitos em situação de vulnerabilidade psíquica, evidenciando como sistemas digitais vêm ocupando funções simbólicas historicamente associadas às relações humanas, como escuta, acolhimento e reconhecimento.

A expansão das redes sociais digitais intensifica e reorganiza essas dinâmicas. Conforme argumenta Paula Sibilia, em *O Show do Eu*, observa-se a emergência de uma cultura em que a intimidade é externalizada, narrada e compartilhada publicamente, transformando-se em espetáculo. Nessas plataformas, a visibilidade converte-se em valor central: não basta apenas viver a própria experiência, torna-se fundamental torná-la visível e colocá-la em circulação.

Esse movimento aponta para o enfraquecimento de um modelo de subjetividade centrado na interioridade e na introspecção, característico da modernidade, e para a ascensão de formas de subjetivação orientadas pela exterioridade, pela performance e pela constante validação social. Desse modo, as redes sociais configuram-se como espaços privilegiados de produção do eu, nos quais a identidade se constrói não apenas a partir da vivência individual, mas também de sua circulação pública e do reconhecimento obtido nas interações digitais. Neste estudo, a expressão performance do eu online refere-se aos processos de construção, apresentação e negociação da identidade nos ambientes digitais.

Diante desse cenário, este trabalho se pergunta: de que maneira as dinâmicas das redes sociais participam da constituição da subjetividade contemporânea? Como os

referenciais teóricos de Michel Foucault e da psicanálise nos ajudam a compreender como a comparação social, a busca por reconhecimento e a valorização da imagem de si produzem efeitos sobre o sujeito nesses ambientes? É a partir dessas questões que se organiza a base teórica deste estudo, apresentada a seguir.

1.1 Poder, dispositivo e biopolítica: contribuições de Michel Foucault

As contribuições de Michel Foucault permitem analisar as redes sociais não apenas como ferramentas de uso cotidiano, mas como tecnologias atravessadas por relações de poder que produzem efeitos sobre a subjetividade e participam ativamente da produção de subjetividades. Para o autor, o poder não está localizado em instituições ou indivíduos específicos, mas opera de forma capilar e difusa, atravessando a vida social em suas múltiplas dimensões e produzindo modos de pensar, agir e constituir-se como sujeito, conforme desenvolvido em *Microfísica do poder* (Foucault, 1979).

Nesse horizonte, destaca-se o conceito de dispositivo, entendido como uma rede heterogênea de discursos, instituições, práticas, normas, técnicas e estratégias que se articulam historicamente em torno de determinados objetivos e produzem efeitos de poder e subjetivação. Em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault (1988) demonstra como diferentes dispositivos passaram a incidir sobre a vida social, focalizando discursos, saberes e práticas regulatórias em torno de determinados temas. Mais do que mecanismos externos de controle, os dispositivos organizam campos de possibilidade, definem formas legítimas de conduta e participam ativamente da constituição dos sujeitos.

Essa compreensão se aprofunda a partir do conceito de biopolítica, desenvolvido por Foucault em *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1988) e aprofundado em *Nascimento da biopolítica* (2008), por meio do qual o autor evidencia que o poder moderno passa a incidir diretamente sobre a vida, não apenas controlando, mas regulando e produzindo modos de existência. Nas redes sociais, essa lógica se atualiza por meio da coleta e análise de dados, da mensuração contínua de comportamentos e da indução de padrões de interação. Ao incentivar a exposição constante e a busca por reconhecimento, essas plataformas não apenas registram práticas, mas produzem modos de agir, sentir e se apresentar. Mais do que espaços de vigilância, as redes sociais configuram-se como dispositivos biopolíticos contemporâneos que participam ativamente da produção de subjetividades alinhadas a lógicas de visibilidade, desempenho e validação social.

1.2 Notas psicanalíticas sobre subjetivação e mal-estar contemporâneo

A teoria psicanalítica oferece ferramentas complementares para analisar os modos pelos quais os sujeitos respondem às demandas do ambiente digital. Desde Sigmund Freud, a subjetividade é concebida como resultado de dinâmicas psíquicas complexas, marcadas por conflitos, investimentos libidinais e processos de identificação. As redes sociais, ao imporem um fluxo contínuo de estímulos e exigências de visibilidade, intensificam essas dinâmicas, exigindo do sujeito uma negociação constante entre o investimento na própria imagem e as expectativas de reconhecimento social.

Ao desenvolver o conceito de narcisismo em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) demonstra que o investimento libidinal não permanece fixado apenas na própria imagem, mas pode ser redirecionado a um ideal do eu, uma instância que representa aquilo que o sujeito gostaria de ser. Nessa dinâmica, o sujeito tende a valorizar no outro justamente os atributos que lhe faltam para alcançar esse ideal, fazendo da comparação e do reconhecimento externo elementos estruturais, e não apenas circunstanciais, da constituição do eu. Nas redes sociais, esse mecanismo se intensifica: o eu é colocado em comparação permanente com o outro, e a autoimagem passa a depender cada vez mais da validação obtida nas interações digitais.

Articulada a esse processo, a teoria lacaniana introduz a noção de desejo como estruturado pela falta, no qual o sujeito desliza metonimicamente de um objeto a outro sem jamais alcançar uma satisfação plena. Essa dinâmica contrasta com o modelo freudiano do princípio da realidade, que supõe a capacidade do sujeito de adiar a satisfação em função das exigências do mundo externo. Nas redes sociais, esse adiamento parece cada vez mais improvável: a gratificação é imediata, contínua e renovada a cada notificação, curtida ou comentário. Esse funcionamento ultrapassa a lógica do desejo e aproxima-se daquilo que Lacan, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1966/1998), descreve como gozo: um excesso que extrapola o princípio do prazer, sustentando-se pela repetição mesmo quando essa repetição não produz satisfação, mas insistência e mal-estar. É dessa articulação entre desejo e gozo que Lacan desenvolve o conceito de *mais-de-gozar*, que designa o objeto que promete satisfação plena mas que, ao ser alcançado, revela sua insuficiência e relança o sujeito em nova busca.

Ainda no âmbito da teoria lacaniana, o conceito de estágio do espelho destaca que o eu se constitui a partir de uma relação especular, mediada pela imagem e pelo olhar do outro, evidenciando a centralidade da alteridade e da validação simbólica na constituição

subjetiva. Tomados em conjunto, esses conceitos permitem compreender que os fenômenos observados nas redes sociais se articulam a processos estruturais da constituição do sujeito, especialmente aqueles relacionados ao narcisismo, à comparação social e à centralidade do olhar do outro na organização da experiência psíquica.

A partir dessa problemática, a pesquisa propõe como objetivo geral analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, os principais processos de subjetivação no ambiente digital, articulando contribuições da psicologia social e da psicanálise para compreender como se configuram as relações entre imagem, reconhecimento, comparação e constituição do sujeito nas redes sociais. Como objetivos específicos, busca-se: descrever como ocorre a construção da identidade online nas redes sociais digitais; identificar os principais processos psicossociais envolvidos nessa construção; analisar a relação entre narcisismo, reconhecimento e o olhar do outro nas redes sociais; examinar os impactos da identidade online na subjetividade dos usuários; e relacionar os achados teóricos e empíricos sobre redes sociais e subjetividade

A relevância deste estudo está relacionada à necessidade de compreender os impactos que as redes sociais digitais exercem sobre os modos contemporâneos de constituição da subjetividade. Em uma realidade marcada pela crescente centralidade das plataformas digitais nas relações sociais, observa-se que processos como exposição constante, busca por reconhecimento, comparação social e valorização da imagem de si passaram a ocupar lugar significativo na experiência subjetiva dos indivíduos.

Nesse contexto, discutir a performance do eu online torna-se fundamental para compreender como essas dinâmicas atravessam a construção da identidade e as formas de relação consigo mesmo e com o outro. Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa contribui para o aprofundamento das discussões acerca das relações entre subjetividade, cultura digital e processos psicossociais contemporâneos, articulando contribuições da psicanálise e das formulações foucaultianas. Do ponto de vista social, o estudo mostra-se relevante ao possibilitar reflexões sobre fenômenos cada vez mais presentes na contemporaneidade, como sofrimento emocional mediado pelo digital, fragilização da autoimagem e dependência de validação social, ampliando a compreensão crítica sobre os efeitos das redes sociais na vida cotidiana.

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa e natureza teórico-analítica, cujo objetivo é compreender quais são as características psicossociais que compõem a identidade online nas redes sociais digitais e quais são seus efeitos na subjetividade contemporânea.

A opção pela revisão narrativa fundamenta-se na necessidade de integrar diferentes perspectivas teóricas e empíricas para compreender um fenômeno complexo e multidimensional. Conforme Rother (2007), a revisão narrativa tem como finalidade descrever e discutir o estado da arte de determinado tema sob perspectiva crítica, permitindo ao pesquisador articular teorias, conceitos e evidências de modo interpretativo, sem a exigência de protocolos rígidos e critérios estatísticos próprios das revisões sistemáticas. Essa modalidade mostrou-se adequada ao presente estudo, uma vez que o objetivo não é quantificar dados, mas construir uma compreensão integrada da performance do eu nas redes sociais e seus impactos subjetivos.

A busca dos artigos foi realizada nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. Foi utilizado descritores por operadores booleanos (AND), tais como: “redes sociais”, “subjetividade”, “performance do eu”, “narcisismo”, “comparação social”, “autoimagem”, “psicanálise” e “identidade digital”. A seleção contemplou publicações entre 2015 e 2024, disponíveis na íntegra em língua portuguesa, que estabelecem relação direta entre redes sociais digitais e processos de constituição subjetiva.

O processo de seleção ocorreu em três etapas: leitura dos títulos, leitura dos resumos e, posteriormente, leitura integral dos textos considerados pertinentes. A partir dessa etapa, foram elaborados fichamentos contendo autor(es), ano, título e síntese da contribuição para o estudo, permitindo organizar os conteúdos de acordo com a pergunta-problema.

Após a etapa de fichamento, foi realizada uma análise temática dos artigos, baseada na identificação de recorrências de temas, conceitos e expressões centrais presentes nos estudos. Esse processo envolveu a leitura aprofundada dos textos, buscando identificar padrões de sentido relacionados à forma como os autores abordam a relação entre redes sociais digitais e subjetividade. A partir dessa análise, foram construídos núcleos temáticos com base na frequência e relevância dos conteúdos encontrados nos artigos. Esses núcleos foram utilizados como base para a organização e interpretação dos dados, orientando a estrutura

3. Resultados

A análise dos artigos selecionados permitiu identificar diferentes perspectivas teóricas e empíricas sobre a relação entre redes sociais digitais e subjetividade. A literatura aponta que essas plataformas atuam como espaços de produção simbólica nos quais processos de construção identitária, comparação social, validação do eu e regulação dos corpos se articulam na constituição da subjetividade contemporânea.

A partir da leitura e análise dos estudos, os resultados foram organizados em três eixos temáticos: (1) redes sociais e constituição da subjetividade; (2) comparação social, autoimagem e padrões de reconhecimento; e (3) valorização da imagem de si, construção de uma versão ideal e busca por validação social sob perspectiva psicanalítica.

3.1 Redes sociais e constituição da subjetividade.

No âmbito da constituição da subjetividade, as redes sociais podem ser compreendidas como espaços de produção de sentidos que atravessam diretamente a forma como os sujeitos interpretam a si mesmos, os outros e suas experiências. Nessa perspectiva, Rosa e Santos (2015), a partir de uma revisão crítica da literatura, sustentam que a subjetividade deve ser entendida como um processo dinâmico, simultaneamente individual e social, conforme proposto por González-Rey. Os autores analisam as redes como ambientes nos quais ocorre uma “negociação de identidades”, evidenciando fenômenos como pertencimento, formação de grupos, expressão de si e estetização do self. Além disso, destacam que essas experiências não são neutras, estando associadas à produção de afetos ambíguos, como satisfação, inveja, vergonha e ciúmes, o que indica que as redes operam como dispositivos ativos na produção da subjetividade contemporânea.

Essa dimensão se torna mais concreta quando analisada a partir da experiência dos próprios usuários. No estudo empírico de Rosa et al. (2021), os autores mostram que os jovens não apenas utilizam as redes, mas organizam sua experiência subjetiva a partir delas. A análise, baseada na técnica da Zona de Sentidos, identificou quatro núcleos centrais que expressam diferentes formas de vivência das redes sociais. O núcleo “capturados pela rede” refere-se à sensação de dependência e dificuldade de desconexão, em que o uso se torna frequente e, muitas vezes, automático. Já “rede caça-níqueis” indica a lógica de gratificação intermitente, na qual curtidas, comentários e notificações funcionam como recompensas que incentivam o uso contínuo. “Termômetro de si” aponta para o uso das redes como parâmetro de avaliação pessoal, em que o sujeito mede seu valor a partir do engajamento

obtido. Por fim, “espelho da sociedade” expressa a percepção de que as redes refletem e, ao mesmo tempo, influenciam valores, padrões e formas de pensar de maneira intensificada impactando diretamente a maneira como o indivíduo se percebe e se posiciona no mundo. Esses resultados indicam que as redes sociais funcionam simultaneamente como fonte de gratificação e como mecanismo de dependência e regulação subjetiva, na medida em que o sujeito passa a avaliar a si mesmo a partir do engajamento obtido e da comparação com os outros.

A mediação digital também se manifesta na reorganização das práticas sociais e profissionais. Nesse sentido, Miguel, Arndt e Pires (2021) demonstram que a mídia deve ser compreendida como um instrumento de mediação que participa diretamente da constituição das subjetividades. Ao analisarem psicólogos em exercício, os autores evidenciam que as redes sociais não apenas ampliam formas de comunicação, mas transformam práticas, relações e modos de atuação profissional, levantando inclusive questões éticas.

As transformações nas experiências de tempo, espaço e relação também aparecem como um eixo central. Martins, Franco e Vasques (2023), a partir de uma leitura psicanalítica, apontam que as redes produzem um rearranjo nas relações sociais marcado por um paradoxo: aproximam sujeitos distantes e, ao mesmo tempo, fragilizam vínculos próximos. Esse processo altera experiências físicas, mentais e sociais, favorecendo uma subjetividade estetizante, na qual a imagem e o olhar do outro ocupam lugar central na economia psíquica. Os autores também indicam que esse cenário intensifica dinâmicas narcísicas, com prevalência do eu-prazer sobre o eu-realidade.

A dimensão reguladora das redes sociais também pode ser observada nas formas de relação com o corpo e com a própria visibilidade. A pesquisa de Patussi e Schuck (2024), orientada pelo referencial foucaultiano, evidencia que as redes funcionam como dispositivos de saber-poder que regulam condutas, visibilidades e modos de subjetivação. Os autores mostram que os jovens internalizam padrões normativos fortemente difundidos, passando a se perceber e se avaliar a partir desses referenciais. Além disso, destacam efeitos como ansiedade, autocensura, necessidade de aprovação e medo de julgamento, ao mesmo tempo em que apontam possibilidades de resistência, como a curadoria crítica de conteúdos e a problematização dos padrões.

Por fim, a centralidade da imagem e da exposição de si aparece como elemento estruturante da subjetividade contemporânea. Rodrigues, Silveira e Correa (2020), em um ensaio teórico psicanalítico, destacam que plataformas como o Instagram intensificam a

lógica da visibilidade e da busca por reconhecimento, reorganizando a forma como o sujeito se apresenta e se percebe. De maneira complementar, Alves e Lazzarini (2020) argumentam que o eu, na contemporaneidade, torna-se constantemente atualizável e exposto, sendo atravessado por dinâmicas de exibicionismo, voyeurismo e espetáculo. Já Kallas (2016) enfatiza que o ambiente virtual permite a construção de múltiplas versões de si, ao mesmo tempo em que intensifica novas formas de mal-estar relacionadas à exigência de visibilidade e aprovação.

3.2 Comparação social, autoimagem e padrões de reconhecimento.

A comparação social configura-se como um dos principais mecanismos de construção da autoimagem no contexto das redes sociais digitais. Silva e Brasil (2022) destacam que a autoimagem é construída na relação com o outro, sendo constantemente atualizada a partir da observação da vida alheia. Os autores evidenciam que as redes intensificam esse processo ao promover exposição contínua, acesso facilitado a perfis idealizados e possibilidade permanente de comparação, o que impacta diretamente o autoconceito e a autoestima.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando analisada a partir da relação com o corpo. A revisão integrativa realizada por Silva, Japur e Penaforte (2020) demonstra que a imagem corporal deve ser entendida como uma construção social e cultural, atravessada por padrões normativos amplamente difundidos. A partir da análise de diversos estudos, as autoras identificam que o uso das redes sociais está associado ao aumento da insatisfação corporal, piora do humor e redução da autoestima. Esse efeito é explicado pela exposição intensificada de corpos idealizados e pela internalização desses padrões, indicando que a relação com o corpo passa a ser mediada por referências externas que operam como critérios de avaliação de si.

A influência desses padrões assume contornos ainda mais específicos quando se considera a dimensão de gênero. No caso da subjetividade feminina, Pinho e Prudente (2021) evidenciam que as redes sociais atuam como amplificadores de ideais estéticos irreais, inseridos em uma lógica de sociedade do espetáculo. As autoras apontam que a constante exposição a imagens de perfeição corporal favorece a construção de uma autoimagem marcada pela inadequação, pelo consumo e pela busca incessante por aceitação.

A dimensão normativa das redes sociais também pode ser observada na forma como determinados corpos são visibilizados ou excluídos. A partir de uma análise empírica

com jovens universitários, Patussi e Schuck (2024) demonstram que há predominância de corpos alinhados a padrões hegemônicos enquanto corpos dissidentes tendem a ser menos representados ou mais frequentemente julgados. Os autores destacam que essa dinâmica produz efeitos subjetivos como insegurança, autocensura e necessidade de adequação, evidenciando que a comparação social não ocorre apenas no plano individual, mas está inserida em uma lógica mais ampla de normalização e regulação dos corpos.

Além dos aspectos estéticos, a comparação social também se articula a experiências afetivas e emocionais diversas. Nesse sentido, Rosa e Santos (2015) e Rosa et al. (2021) demonstram que a relação com os outros nas redes está associada à emergência de sentimentos como inveja, frustração, ciúmes e insatisfação. Esses achados indicam que a percepção de si não é apenas influenciada por padrões visuais, mas também pela forma como o sujeito interpreta sua posição em relação aos outros, reforçando o papel central do reconhecimento social na constituição da subjetividade.

3.3 Valorização da imagem de si, construção de uma versão ideal e busca por validação social.

A valorização da imagem de si emerge como um dos elementos centrais na organização da subjetividade contemporânea, especialmente em ambientes digitais marcados pela visibilidade constante. Nesse contexto, a apresentação de si deixa de ser espontânea e passa a ser cuidadosamente construída, orientada pela expectativa de reconhecimento. Rodrigues, Silveira e Correa (2020) destacam que plataformas como o Instagram intensificam essa lógica ao privilegiar a imagem como principal forma de expressão, favorecendo a construção de versões idealizadas do sujeito. A partir de uma leitura psicanalítica, os autores associam esse processo ao narcisismo, evidenciando a centralidade do olhar do outro na constituição do eu.

A relação entre visibilidade e identidade também implica uma reorganização da própria experiência subjetiva. Nessa perspectiva, Alves e Lazzarini (2020) argumentam que o eu contemporâneo se caracteriza por sua constante atualização, sendo atravessado por dinâmicas de exposição, exibicionismo e busca por validação. Os autores destacam que a virtualidade desloca a intimidade para o espaço público, transformando a experiência subjetiva em espetáculo e favorecendo a reatualização de ideais narcísicos primários.

A possibilidade de construção de múltiplas versões de si também aparece como característica relevante desse cenário. A esse respeito, Kallas (2016) aponta que o ambiente virtual amplia as possibilidades de experimentação identitária, permitindo ao sujeito

selecionar quais aspectos deseja evidenciar. No entanto, essa flexibilidade não implica liberdade plena, uma vez que está atravessada pela exigência de visibilidade e aprovação, o que pode gerar novas formas de mal-estar associadas à manutenção de uma imagem idealizada.

A centralidade do reconhecimento social se intensifica na medida em que o valor do sujeito passa a ser mediado por sua visibilidade. Martins, Franco e Vasques (2023) destacam que a subjetividade contemporânea é marcada pela dependência do olhar do outro, evidenciando uma maior preocupação com a imagem e com a aprovação social. Esse processo está diretamente relacionado à intensificação de dinâmicas narcísicas e à valorização do eu enquanto objeto de contemplação.

Essa lógica se concretiza de forma ainda mais evidente por meio dos mecanismos de interação das próprias plataformas. Rosa et al. (2021) demonstram que curtidas, comentários e visualizações funcionam como métricas de reconhecimento, atuando diretamente na regulação da experiência subjetiva. Nesse sentido, o sujeito passa a interpretar essas respostas como indicadores de valor pessoal, o que reforça a dependência da validação externa.

Por fim, a busca por reconhecimento nas redes sociais não ocorre de forma neutra, estando atravessada por relações de poder, normas e expectativas sociais. Patussi e Schuck (2024) evidenciam que a visibilidade é regulada por dispositivos que orientam comportamentos, incentivam padrões e produzem formas específicas de subjetivação. Assim, a exposição de si não se configura apenas como escolha individual, mas como prática inserida em um contexto de normalização, no qual o sujeito se adapta, se regula e, em alguns casos, também resiste às imposições do ambiente digital.

4. Análises

A partir dos resultados apresentados, observa-se que as redes sociais digitais se configuram como espaços complexos de produção de sentidos, nos quais se articulam diferentes dimensões da experiência subjetiva, como a negociação de identidades, a internalização de padrões, a mediação das relações sociais e a produção de afetos. Os achados indicam que essas dinâmicas se intensificam compondo um campo integrado que orienta a maneira como os sujeitos se percebem, se avaliam e se posicionam no mundo. Ao retomar as discussões desenvolvidas na introdução, evidencia-se, portanto, que as redes sociais não apenas influenciam práticas sociais, mas participam ativamente da constituição da subjetividade contemporânea, exigindo uma análise voltada à compreensão dos mecanismos que sustentam esses processos.

No que se refere à constituição da subjetividade, os resultados demonstram que a identidade passa a ser continuamente negociada, mediada e reconfigurada a partir das interações próprias do ambiente digital. Os sujeitos passam a interpretar a si mesmos a partir das respostas, imagens e dinâmicas de reconhecimento produzidas nas plataformas, indicando uma reorganização da experiência subjetiva orientada pelas lógicas da visibilidade e da interação constante.

Nessa direção, Sibilia (2008) contribui para compreender que as transformações observadas nas redes sociais estão inseridas em um modelo cultural mais amplo, marcado pela valorização crescente da visibilidade e da exposição da intimidade. Em *O show do eu*, a autora argumenta que a contemporaneidade assiste ao enfraquecimento de formas de subjetividade centradas na interioridade, na introspecção e na vida privada, favorecendo a emergência de modos de existência orientados pela exteriorização da experiência e pela necessidade constante de reconhecimento público.

Sob essa lógica, a experiência subjetiva deixa de permanecer restrita ao âmbito privado e passa a depender cada vez mais de sua circulação e validação social. Mais do que viver experiências, torna-se necessário compartilhá-las, narrá-las e torná-las visíveis diante do olhar do outro. A visibilidade passa, então, a operar como valor cultural central, reorganizando a maneira como os sujeitos constroem a própria identidade e estabelecem relações consigo mesmos e com os outros.

Os resultados analisados ao longo deste estudo dialogam diretamente com essa perspectiva ao evidenciarem que os sujeitos passam a organizar a percepção de si a partir da exposição constante, das respostas obtidas nas plataformas e das dinâmicas de reconhecimento produzidas nas redes sociais. A constituição da subjetividade torna-se

progressivamente atravessada pela necessidade de aparecer, performar e sustentar versões socialmente reconhecíveis de si mesmo. A visibilidade deixa, portanto, de operar apenas como possibilidade de expressão individual e passa a funcionar como elemento organizador das relações sociais e da própria experiência subjetiva.

Mais do que simples espaços de comunicação e compartilhamento, as redes sociais passam a estruturar formas específicas de interação, reconhecimento e autoapresentação. Os sujeitos não apenas utilizam as plataformas para se comunicar, mas passam a construir modos de percepção de si orientados pelas dinâmicas de exposição, engajamento e validação presentes nesses ambientes digitais.

É justamente nesse ponto que as contribuições de Foucault (1979) permitem aprofundar a análise, ao evidenciar que o poder contemporâneo não opera apenas por repressão ou imposição externa, mas pela produção e condução das condutas dos próprios sujeitos. Em *Microfísica do poder*, Foucault (1979) afirma que o poder produz realidade e permite compreender que governar envolve conduzir condutas, isto é, estruturar possibilidades de ação e levar os indivíduos a regularem seus próprios comportamentos.

Essa lógica torna-se particularmente visível nas redes sociais, nas quais algoritmos, métricas de engajamento e sistemas de visibilidade orientam práticas de autoexposição, reconhecimento e monitoramento constante de si. O sujeito acredita agir livremente, embora suas formas de se apresentar, interagir e avaliar a si mesmo sejam continuamente atravessadas pelas lógicas produzidas pelas próprias plataformas digitais.

Os achados de Rosa et al. (2021) evidenciam justamente esse funcionamento ao demonstrarem que os jovens passam a utilizar as redes sociais como “termômetro de si”, organizando sua autoavaliação a partir das respostas obtidas no ambiente digital. Da mesma forma, o núcleo “rede caça-níqueis” mostra que curtidas, comentários e notificações funcionam como mecanismos de gratificação intermitente que estimulam a repetição do uso e a permanência constante nas plataformas. Já a sensação de estar “capturado pela rede” indica que essa relação ultrapassa o uso consciente e voluntário, envolvendo processos de automatização, dependência e monitoramento contínuo de si.

Não se trata, portanto, apenas de um controle externo imposto pelas plataformas, mas de formas de autorregulação incorporadas pelos próprios sujeitos. O indivíduo passa a monitorar sua imagem, controlar formas de exposição e adaptar comportamentos em função das expectativas de reconhecimento e validação produzidas no ambiente digital. Os resultados apresentados por Patussi e Schuck (2024) reforçam essa compreensão ao demonstrarem que os sujeitos internalizam padrões normativos relacionados ao corpo, à

aparência e à visibilidade, passando a se perceber e se avaliar a partir de referenciais amplamente difundidos online.

Efeitos como ansiedade, autocensura, medo de julgamento e necessidade de aprovação revelam justamente a dimensão subjetiva desses mecanismos regulatórios. Sob essa ótica, as redes sociais podem ser compreendidas não apenas como dispositivos contemporâneos de poder, mas também como dispositivos biopolíticos que participam da gestão dos corpos, dos comportamentos e das formas de existência. Conforme discute Foucault (1988), a biopolítica caracteriza-se pelo momento em que o poder passa a incidir diretamente sobre a vida, voltando-se à administração dos corpos e da população. Em *História da sexualidade I: A vontade de saber*, o autor afirma que o poder passa a exercer um controle “sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar” (Foucault, 1988), evidenciando que o foco do poder moderno deixa de ser apenas a repressão e passa a envolver a regulação contínua dos modos de viver.

Nessa perspectiva, o poder opera por meio da produção de normas, padrões e mecanismos de monitoramento que orientam comportamentos considerados desejáveis. Mais do que proibir ou punir, trata-se de administrar condutas, organizar formas de existência e produzir modos específicos de subjetivação. Essa lógica torna-se evidente nas plataformas digitais, que estimulam permanentemente a exposição de si, a busca por reconhecimento e o monitoramento constante da própria imagem. Assim, os sujeitos passam a regular voluntariamente comportamentos, imagens e formas de interação em função das respostas obtidas nas redes sociais.

Essa compreensão também pode ser ampliada a partir da perspectiva de Rosa e Santos (2015), que entendem a subjetividade como processo contínuo de produção de sentidos, simultaneamente individual e social. Os resultados permitem compreender que as redes sociais não operam apenas como espaços de interação, mas como ambientes nos quais os sujeitos constroem pertencimentos, interpretam experiências e organizam formas de reconhecimento de si e do outro. A presença recorrente de afetos como satisfação, inveja, vergonha e ciúmes evidencia que as interações digitais participam diretamente da produção emocional e simbólica da experiência subjetiva contemporânea.

Ao mesmo tempo, os achados de Martins, Franco e Vasques (2023) demonstram que as redes sociais produzem rearranjos importantes nas formas de relação, alterando experiências de tempo, espaço e proximidade. O paradoxo identificado pelos autores — de aproximar sujeitos distantes e fragilizar vínculos próximos — evidencia que a mediação digital reorganiza não apenas a comunicação, mas também as formas de presença e de

vínculo social. Essa configuração favorece uma subjetividade estetizante, na qual a imagem, a visibilidade e o olhar do outro passam a ocupar posição central na experiência psíquica e social.

A reorganização produzida pelas mídias digitais também atravessa práticas sociais e profissionais. Conforme apontam Miguel, Arndt e Pires (2021), a mídia não funciona apenas como instrumento técnico, mas como elemento de mediação que transforma formas de atuação, relações e posicionamentos sociais. Ao impactar inclusive o campo profissional da Psicologia, as redes sociais evidenciam que seus efeitos subjetivos ultrapassam o âmbito privado e passam a atravessar modos de trabalho, comunicação e construção da experiência coletiva.

Embora os resultados apontem fortes mecanismos de regulação e normalização, os estudos também evidenciam possibilidades de resistência. Patussi e Schuck (2024) demonstram que alguns sujeitos passam a problematizar os padrões difundidos nas plataformas, realizando curadoria crítica de conteúdos e buscando reduzir formas excessivas de comparação e exposição. Isso indica que os processos de subjetivação não ocorrem de maneira totalmente homogênea ou passiva, mas envolvem negociações, tensões e possibilidades de reposicionamento diante das lógicas produzidas pelo ambiente digital.

O que os resultados evidenciam, portanto, é que as redes sociais digitais não atuam apenas como meios tecnológicos de interação, mas como estruturas que participam diretamente da produção contemporânea da subjetividade. Conforme afirma Foucault (1979), “o poder produz; ele produz realidade”, indicando que os mecanismos de poder não operam apenas restringindo condutas, mas produzindo formas de percepção, modos de agir e maneiras de se constituir como sujeito. Ao articular visibilidade, reconhecimento, monitoramento e engajamento, as plataformas digitais passam a organizar formas específicas de existência, conduzindo modos de percepção de si, de relação com o outro e de inserção social. Nesse cenário, a subjetividade contemporânea constitui-se cada vez mais atravessada pelas exigências de exposição, performance e validação características do ambiente digital.

No que se refere à comparação social e à construção da autoimagem, os resultados demonstram que a percepção de si passa a ser progressivamente mediada pelas dinâmicas de visibilidade e pelos referenciais produzidos no ambiente digital. As redes sociais ampliam a exposição contínua à vida, ao corpo e à imagem dos outros, fazendo com que os sujeitos passem a construir a própria percepção de valor a partir de processos constantes de comparação, reconhecimento e validação social. Nesse cenário, a autoimagem deixa de se

organizar predominantemente a partir da experiência individual e passa a ser atravessada pelas respostas, padrões e expectativas produzidos nas interações digitais.

Os achados de Silva e Brasil (2022) evidenciam justamente que a autoimagem não se constitui de maneira isolada ou exclusivamente interna, mas se organiza a partir das relações estabelecidas com o meio social e com o olhar do outro. Nesse contexto, as redes sociais intensificam a comparação social ao oferecerem fluxo contínuo de imagens idealizadas, estilos de vida performatizados e padrões de aparência amplamente valorizados. A exposição recorrente a esses referenciais favorece impactos negativos sobre o autoconceito e a autoestima, levando os sujeitos a avaliarem a si mesmos a partir de modelos frequentemente inalcançáveis.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente nos resultados apresentados por Silva, Japur e Penaforte (2020), que demonstram que a relação com o corpo é profundamente atravessada pelas lógicas de comparação e visibilidade presentes nas plataformas digitais. A predominância de corpos idealizados e a constante exposição a padrões estéticos socialmente valorizados produzem efeitos como insatisfação corporal, piora da autoestima e intensificação da insegurança em relação à própria aparência. Mais do que simples referências estéticas, esses padrões passam a funcionar como critérios de reconhecimento e pertencimento social.

Os resultados de Patussi e Schuck (2024) evidenciam que determinados corpos alinhados aos padrões hegemônicos ocupam maior espaço de visibilidade nas plataformas digitais, enquanto corpos dissidentes tendem a ser invisibilizados ou mais frequentemente julgados. Nesse cenário, a relação do sujeito com o próprio corpo passa a ser continuamente atravessada pelas expectativas e modelos disseminados no ambiente digital, fazendo com que a percepção de si seja organizada a partir da proximidade — ou da distância — em relação aos padrões valorizados socialmente.

A intensificação da comparação social nas redes digitais evidencia que a relação do sujeito com a própria imagem passa a ser constantemente atravessada pelo olhar e pela validação do outro. O corpo, a aparência e os modos de apresentação de si deixam de operar apenas como formas de expressão individual e passam a funcionar como superfícies de reconhecimento social, organizadas em torno da visibilidade e da aprovação obtidas nas plataformas digitais.

Nesse cenário, a experiência subjetiva torna-se progressivamente dependente da confirmação externa. A exposição contínua a imagens idealizadas produz não apenas processos de comparação, mas formas recorrentes de insegurança, inadequação e

insatisfação diante da dificuldade de corresponder aos modelos de sucesso, felicidade e beleza difundidos nas redes sociais.

As plataformas digitais não apenas mediam interações, mas operam capturando continuamente a atenção, os afetos, os comportamentos e as formas de apresentação de si dos sujeitos, transformando essas experiências em elementos úteis à lógica de mercado. Nesse cenário, a subjetividade deixa de constituir apenas uma dimensão interna da experiência humana e passa progressivamente a funcionar como objeto de gestão, circulação e exploração econômica.

A necessidade constante de visibilidade, reconhecimento e engajamento faz com que os próprios sujeitos passem a monitorar voluntariamente suas imagens, regular comportamentos e adequar formas de existência às expectativas produzidas no ambiente digital. Assim, as relações de poder descritas por Foucault (1979, 1988, 2008) manifestam-se nas redes sociais articuladas às dinâmicas do neoliberalismo contemporâneo, no qual a subjetividade, a imagem e a atenção tornam-se elementos centrais das lógicas de mercado e da circulação do capital.

Essa dinâmica aproxima-se das formulações freudianas acerca do ideal do eu e da fragilidade narcísica. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) afirma que o sujeito passa continuamente a se comparar com um ideal construído socialmente, buscando recuperar uma suposta completude narcísica. Nas redes sociais, esse ideal parece ser permanentemente alimentado pela exposição incessante a imagens idealizadas de sucesso, beleza, produtividade e felicidade. Desse modo, pode-se pensar que as redes digitais intensificam como os sujeitos passam a organizar progressivamente a percepção de valor de si a partir desses referenciais socialmente valorizados, intensificando movimentos de comparação, autoavaliação e vigilância da própria imagem.

Ao mesmo tempo, a intensificação da dependência da confirmação externa pode ser relacionada ao enfraquecimento das mediações simbólicas capazes de operar limites à centralidade da imagem na constituição subjetiva. Do ponto de vista psicanalítico, essas mediações simbólicas dizem respeito aos processos por meio dos quais o sujeito é confrontado com a experiência da falta, da incompletude e da impossibilidade de satisfação plena, elementos fundamentais para a organização da vida psíquica. No entanto, a lógica contemporânea marcada pela exposição contínua, pela exigência permanente de desempenho e pelas promessas incessantes de reconhecimento e satisfação pode favorecer formas de sustentação narcísica fortemente apoiadas na validação obtida no olhar social. Desse modo, pode-se pensar que a fragilidade desses limites simbólicos dificulta a

elaboração da falta e favorece um investimento cada vez mais intenso na própria imagem e nas possibilidades de reconhecimento oferecidas pelas redes sociais.

Entretanto, a impossibilidade de alcançar plenamente esses ideais favorece experiências constantes de insuficiência e instabilidade subjetiva. A necessidade contínua de reconhecimento evidencia justamente a fragilidade da sustentação narcísica do eu, que passa a depender progressivamente da validação externa para manter uma imagem positiva de si mesmo. Assim, o sujeito torna-se mais vulnerável às oscilações de reconhecimento produzidas no ambiente digital, fazendo com que a ausência de aprovação, a redução do engajamento ou a comparação constante com imagens idealizadas produzam sentimentos recorrentes de inadequação, vazio e frustração.

Essa fragilidade narcísica torna-se particularmente visível nos achados de Rosa et al. (2021), que demonstram que os sujeitos passam a utilizar as redes sociais como mecanismos contínuos de avaliação de si mesmos. A necessidade de acompanhar respostas, monitorar engajamentos e buscar aprovação evidencia que a validação social passa a ocupar posição central na sustentação da experiência subjetiva contemporânea. O reconhecimento digital deixa de funcionar apenas como interação social e passa a operar como elemento fundamental para a manutenção da própria imagem de si.

Os achados de Martins, Franco e Vasques (2023) demonstram que essa valorização excessiva da imagem favorece formas de subjetividade marcadas pela estetização das relações e pela predominância do olhar. A experiência subjetiva parece organizar-se menos pela elaboração simbólica da experiência vivida e mais pela necessidade de construir imagens socialmente desejáveis e reconhecíveis. Assim, pode-se sugerir que o sujeito passa progressivamente a sustentar sua experiência de si a partir da imagem que consegue apresentar e manter diante do outro.

As contribuições de Lacan (1966/1998) permitem aprofundar ainda mais essa discussão ao evidenciarem que o desejo humano se organiza a partir da relação com o outro e da busca de reconhecimento simbólico. Ao afirmar que “o desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1966/1998), o autor demonstra que o sujeito constitui sua experiência desejante a partir do olhar e da validação do outro. Nessa perspectiva, o olhar do Outro não se restringe à aprovação direta recebida nas interações digitais, mas refere-se ao campo simbólico e social que atravessa o sujeito e organiza sua relação consigo mesmo. Nas redes sociais, curtidas, comentários, compartilhamentos e métricas de engajamento passam a funcionar como formas simbólicas de reconhecimento capazes de sustentar temporariamente a imagem construída pelo sujeito.

A centralidade assumida pelo olhar do outro aproxima-se também das formulações lacanianas acerca do estágio do espelho. Em O estágio do espelho como formador da função do eu, Lacan (1949/1998) afirma que “o eu se precipita numa forma primordial” antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro, evidenciando que a percepção de si se organiza originalmente por meio de imagens e identificações externas. Nesse sentido, pode-se pensar que as redes sociais intensificam formas de percepção de si fortemente mediadas pela visibilidade, pela exposição e pela maneira como o sujeito é continuamente visto, avaliado e reconhecido pelos outros.

Esses processos também podem ser articulados às formulações de Foucault (1988, 2008) acerca da biopolítica, na medida em que os ideais de desempenho, felicidade, beleza e sucesso passam a operar como mecanismos contemporâneos de regulação subjetiva. Nessa perspectiva, o poder deixa de atuar apenas por imposições externas e pode passar a funcionar por meio da internalização de normas e ideais socialmente produzidos, levando os próprios sujeitos a monitorarem, corrigirem e otimizarem continuamente suas formas de existência. Nesse sentido, pode-se compreender que as redes sociais não apenas mediam relações, mas também capturam a subjetividade e a transformam em elemento funcional às lógicas de mercado e ao neoliberalismo contemporâneo, no qual a imagem, a atenção e o engajamento tornam-se formas de valorização e circulação do capital.

Entretanto, esse reconhecimento nunca produz satisfação plena ou definitiva. A lógica das plataformas digitais favorece justamente movimentos contínuos de repetição e busca incessante de validação, aproximando-se das formulações lacanianas acerca do mais-de-gozar. Mesmo quando o sujeito obtém reconhecimento, a satisfação produzida mostra-se momentânea, fazendo com que novas formas de exposição e performance sejam continuamente buscadas.

Assim, o ambiente digital passa a funcionar como espaço permanente de produção de desejo, falta e insatisfação. A necessidade constante de atualização da própria imagem evidencia que a validação obtida nunca consegue sustentar plenamente o sujeito, produzindo formas de experiência subjetiva marcadas pela instabilidade e pela dependência contínua do olhar do outro.

Os resultados de Rosa e Santos (2015) e Rosa et al. (2021) dialogam diretamente com essa compreensão ao evidenciarem sentimentos recorrentes de inveja, frustração, ciúmes e inadequação produzidos pela comparação contínua com os outros e pela necessidade de sustentar imagens socialmente valorizadas. A constante exposição a padrões idealizados de felicidade, beleza e sucesso favorece experiências subjetivas

marcadas pela sensação de insuficiência e pela dificuldade de corresponder às expectativas produzidas nas plataformas digitais.

Nesse cenário, a fragilidade narcísica tende a ser continuamente intensificada. A dependência do reconhecimento externo faz com que oscilações de validação produzam impactos significativos sobre a autoestima e sobre a relação do sujeito consigo mesmo. A ausência de reconhecimento, a comparação permanente e a impossibilidade de alcançar plenamente os ideais disseminados nas plataformas favorecem sentimentos de vazio, insuficiência, inadequação e instabilidade subjetiva.

O que os resultados demonstram, portanto, é que as redes sociais digitais favorecem formas de subjetividade profundamente organizadas em torno da imagem, da performance e da validação social. Ao articular idealização, reconhecimento, narcisismo, desejo e centralidade do olhar do outro, as plataformas digitais passam a produzir modos de existência marcados pela necessidade contínua de exposição e confirmação externa, evidenciando os impactos subjetivos das dinâmicas de visibilidade que atravessam a contemporaneidade.

5. Apontamentos finais

Os resultados analisados ao longo deste estudo permitiram compreender que as redes sociais digitais participam ativamente da organização da experiência subjetiva contemporânea, produzindo modos específicos de relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com os ideais socialmente valorizados. Mais do que espaços neutros de interação, essas plataformas configuram ambientes nos quais visibilidade, reconhecimento, desempenho e exposição passam a ocupar posição central na constituição subjetiva, atravessando processos de identificação, construção da autoimagem e percepção de valor de si.

A articulação entre psicologia social, psicanálise e as formulações foucaultianas acerca do poder e da biopolítica possibilitou compreender que os impactos das redes sociais ultrapassam mudanças comportamentais superficiais, incidindo diretamente sobre os modos de subjetivação contemporâneos. As dinâmicas de comparação contínua, validação permanente e idealização da imagem demonstraram favorecer formas de experiência subjetiva marcadas pela autovigilância, pela fragilidade narcísica e pela dependência crescente do reconhecimento externo. Nesse cenário, a subjetividade passa progressivamente a organizar-se em torno de exigências de desempenho, visibilidade e otimização de si articuladas às lógicas contemporâneas de mercado e ao neoliberalismo.

Do ponto de vista psicanalítico, os achados também permitiram pensar que as redes sociais intensificam formas de investimento na imagem e no olhar do outro, favorecendo modos de sustentação do eu fortemente apoiados na validação obtida no ambiente digital. A dificuldade de simbolização da falta, associada às promessas contínuas de reconhecimento e satisfação produzidas pelas plataformas, evidencia formas de experiência subjetiva marcadas por movimentos incessantes de comparação, exposição e busca de confirmação externa. Assim, a lógica das redes sociais parece operar por meio da produção contínua de desejo e insatisfação, fazendo com que a validação obtida nunca seja plenamente suficiente para sustentar de maneira estável a experiência subjetiva.

Ao mesmo tempo, os resultados permitem compreender que esses processos não operam apenas no plano individual, mas articulam-se a formas mais amplas de regulação social e produção de subjetividades. As plataformas digitais capturam continuamente atenção, afetos, comportamentos e formas de apresentação de si, transformando a própria subjetividade em elemento funcional às lógicas de circulação do capital, do consumo e da performance contemporânea. Nesse sentido, as redes sociais não apenas mediam relações sociais, mas participam ativamente da organização de modos de existência compatíveis

com as exigências de visibilidade, produtividade e exposição características do neoliberalismo contemporâneo.

Apesar das contribuições alcançadas, o presente estudo não pretende esgotar a complexidade das relações entre redes sociais e subjetividade. A própria natureza dinâmica das tecnologias digitais e das formas contemporâneas de sociabilidade evidencia a necessidade de continuidade das investigações sobre o tema, especialmente diante das transformações constantes produzidas pelas plataformas digitais e pelos novos modos de interação mediados tecnologicamente.

Dessa forma, considera-se relevante que pesquisas futuras aprofundem empiricamente os impactos subjetivos das redes sociais em diferentes contextos sociais, culturais e geracionais, bem como investiguem de maneira mais específica as relações entre sofrimento psíquico, processos de identificação, neoliberalismo e formas contemporâneas de regulação subjetiva. Também se mostra pertinente ampliar estudos que articulem psicanálise, psicologia social e teoria crítica na compreensão das transformações subjetivas produzidas pelas tecnologias digitais na contemporaneidade.

Por fim, compreender as redes sociais digitais apenas como ferramentas de comunicação mostra-se insuficiente diante da centralidade que essas plataformas assumem na vida contemporânea. Os resultados deste estudo evidenciam que os ambientes digitais participam ativamente da produção de modos de subjetivação, reconhecimento e relação consigo mesmo, indicando que as formas contemporâneas de existir encontram-se profundamente atravessadas pelas dinâmicas de visibilidade, performance e validação social.

6. Referências

- Alves, W. S., & Lazzarini, E. R. (2020). Uma análise do eu em tempos de virtualidade e isolamento: Reflexões psicanalíticas. *Jornal de Psicanálise*, 53(98), 123–139.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Graal.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Graal.
- Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Martins Fontes.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 12, pp. 13–50). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 15, pp. 13–113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 16, pp. 13–74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Kallas, M. B. L. M. (2016). O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, 38(71), 55–64.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp. 96–103). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (pp. 807–842). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Martins, A. S., Franco, B. F., & Vasques, A. T. D. (2023). Os impactos das redes e mídias sociais na subjetividade: Uma leitura psicanalítica. *Psicologias em Movimento*, 3(1), 108–128.
- Miguel, R. de B. P., Arndt, G. J., & Pires, J. G. (2021). Psicólogos e o uso das mídias: Um relato de pesquisa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, e224152. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003224152>
- Patussi, A., & Schuck, A. L. (2024). Os efeitos das redes sociais na subjetividade e nos modos de relação com o corpo entre jovens universitários. *Revista Diversidade e Educação*, 12(1), 216–236.
- Pinho, C. D. B., & Prudente, R. C. A. C. (2021). “Espelho, espelho meu...”: Os impactos das redes sociais na construção da subjetividade feminina. *Cadernos de Psicologia*, 3(6), 320–337.

- Rodrigues, A. P. G., Silveira, L. R., & Correa, C. A. (2020). Internet, narcisismo e subjetividade: Reflexões sobre a constituição do sujeito na/pela rede social. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 18(1), 132–150.
- Rosa, G. A. M., Ferreira, J. F. C., Mauch, A. G., Albuquerque, F. L., Campelo, G., & Macedo, M. L. (2021). Percepção de jovens brasileiros sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, e37349. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37349>
- Rosa, G. A. M., & Santos, B. R. (2015). Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: Uma revisão crítica da literatura. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*, 23(4), 913–927. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-09>
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Nova Fronteira.
- Silva, A. F. de S., Japur, C. C., & Penaforte, F. R. de O. (2020). Repercussões das redes sociais na imagem corporal de seus usuários: Revisão integrativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, e36510. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36510>
- Silva, D. V., & Brasil, T. S. (2022). Por trás dos filtros: Comparação nas redes sociais e seus efeitos prejudiciais sobre a autoimagem. *Revista Cathedral*, 4(4).